

## Comemoração dos Fiéis Defuntos

02 de nov. de 2016

Caríssimos irmãos:

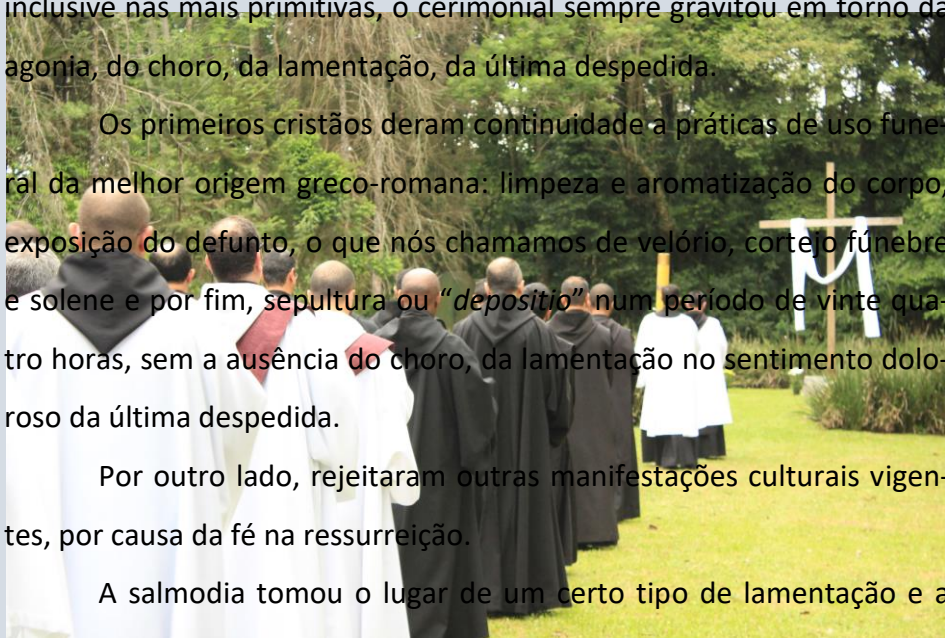
O rito da morte é um fenômeno universal. Em todas as culturas, inclusive nas mais primitivas, o cerimonial sempre gravitou em torno da agonia, do choro, da lamentação, da última despedida.

Os primeiros cristãos deram continuidade a práticas de uso funeral da melhor origem greco-romana: limpeza e aromatização do corpo, exposição do defunto, o que nós chamamos de velório, cortejo fúnebre e solene e por fim, sepultura ou “*depositio*” num período de vinte quatro horas, sem a ausência do choro, da lamentação no sentimento doloroso da última despedida.

Por outro lado, rejeitaram outras manifestações culturais vigentes, por causa da fé na ressurreição.

A salmodia tomou o lugar de um certo tipo de lamentação e a cremação foi substituída pelo sepultamento. A fé na ressurreição da carne não os privara de chorar a partida de quem amavam. Jesus havia chorado a morte de Lázaro, seu amigo.

O que era próprio da fé cristã não tardou a se desenvolver num rito sóbrio e fiel à palavra do Senhor: “*Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, mesmo que esteja morto viverá.*” Esta fé moderou,



iluminou e orientou o ritual que os pagãos já viviam e que influenciou as primeiras comunidades cristãs.

As orações mais primitivas por ocasião de um funeral não acentuavam a intercessão em favor dos falecidos, mas proclamam a fé na promessa da salvação e na ressurreição, que tocava os corações dos que celebravam o ritual de esperança.

Os primeiros cristãos, no lugar das lamentações, usavam os salmos 113 e o salmo 117. Ambos pascais. A saída do Egito, libertação da escravidão foi entendido como libertação desta nossa condição humana para uma terra prometida, *“onde corre o leite e o mel”*. Também o salmo 117, pascal por excelência, era cantado para reforçar neles a fé na Páscoa de Cristo. A páscoa de Cristo será também a nossa, pois, *“como Jesus morreu e ressuscitou, Deus ressuscitará os que nele morrerem. E, como todos morrem em Adão, todos em Cristo terão a vida conforme S. Paulo dizendo aos tessalonicenses e coríntios.*

Queridos irmãos, a comemoração dos fiéis defuntos que celebramos hoje vem ressaltar uma vez mais: fé é o elemento de purificação de uma cultura. A fé no Cristo ressuscitado evangeliza toda e qualquer cultura, isso, desde o começo. Nossos primeiros pais não criaram do nada rituais para um funeral. A partir do que já existia, foram, à luz do Evangelho, modelando-os, iluminando-os e transformando-os para expressarem a fé que tinham e atualizarem num rito o mistério central de

todo o cristianismo: Jesus ressuscitou dos mortos e está à direita a do Pai. Se Nele morrermos, com Ele viveremos.

Contudo, há um elemento universal que a fé ilumina, evangeliza e orienta, mas não extingue: a dor da separação. Mais do que isso, a dor da separação total, enquanto estamos neste corpo e somos peregrinos nesta terra. O que nos faz chorar e sofrer é o **nunca mais**.

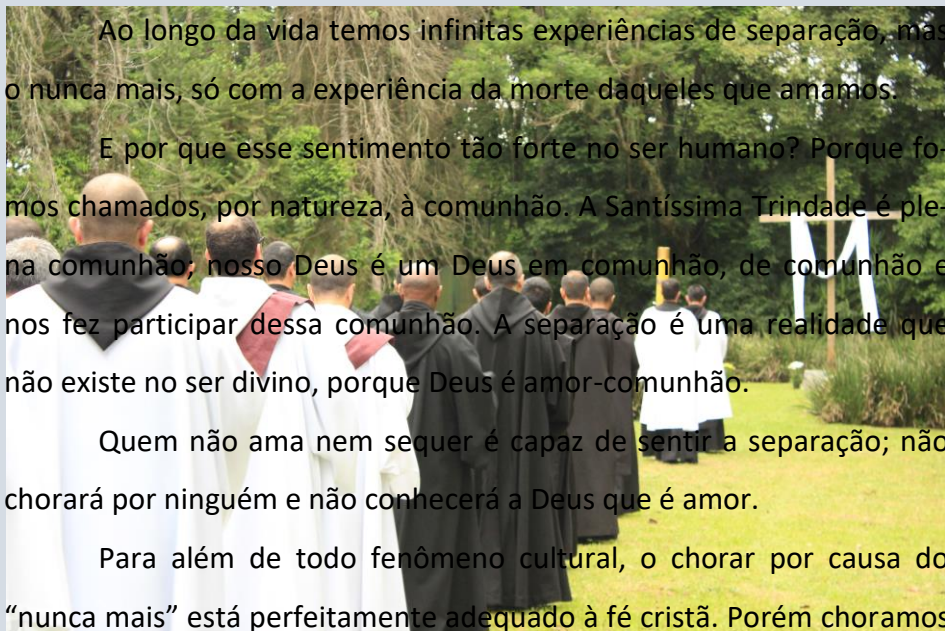
Ao longo da vida temos infinitas experiências de separação, mas o nunca mais, só com a experiência da morte daqueles que amamos.

E por que esse sentimento tão forte no ser humano? Porque fomos chamados, por natureza, à comunhão. A Santíssima Trindade é plena comunhão; nosso Deus é um Deus em comunhão, de comunhão e nos fez participar dessa comunhão. A separação é uma realidade que não existe no ser divino, porque Deus é amor-comunhão.

Quem não ama nem sequer é capaz de sentir a separação; não chorará por ninguém e não conhecerá a Deus que é amor.

Para além de todo fenômeno cultural, o chorar por causa do “nunca mais” está perfeitamente adequado à fé cristã. Porém choramos a separação de quem amamos, mas com o coração repleto de esperança de poder um dia encontrá-los e em Deus desfrutar a vida que não conhece ocaso.

Que a celebração de nossa eucaristia, que já prefigura a comunhão sem fim para além desta vida terrena, nos conforte e nos alimente



na fé do Cristo que venceu a morte e que nos oferece a vida futura, qual Bom Pastor que, se preciso for nos apertará junto ao peito, e nos porá em seus ombros e nos chamará pelo nome.

Assim seja!

